

Aumenta a procura por serviços bancários

A pesar das flagrantes desigualdades entre as regiões brasileiras, é nas maiores praças bancárias do País que os cidadãos parecem sentir mais falta da presença dos bancos. No estado de São Paulo, por exemplo, há nove municípios sem bancos, apesar de concentrar 6.789 unidades, ou pouco mais de um terço de todos que existem no Brasil, segundo dados do Banco Central (BC), até novembro de 2009. O estado tem 2.464 postos de atendimento bancário (supermercados, padarias, bancas de jornal).

Se por um lado faltam agências, por outro, houve aumento da demanda pelos serviços bancários. Segundo o chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Marcelo Néri, uma das explicações para a forte demanda é a ascensão de cerca de 32 milhões de pessoas às classes A, B e C (renda familiar mensal a partir de R\$ 1.115,00) nos últimos cinco anos. "O problema é que, agora, as pessoas têm renda, mas não a cultura de usar o banco", argumenta Néri.

Há poucos números concretos sobre a desbancarização urbana, mas sobram evidências, sobretudo comportamentais. Nem mesmo a avenida Paulista, centro financeiro do País, está livre. Segundo o diretor do Bradesco, Odair Rebelato, milhares de pessoas circulam por ali diariamente, mas boa parte passa longe das agências, optando por usar um correspondente bancário.

Dados do Bradesco mostram que pessoas de baixa renda e idosos são os menos servidos pela rede bancária convencional. E os correspondentes bancários e o banco postal estariam suprindo essa deficiência, apesar de não oferecerem todos os serviços de uma agência tradicional. Segundo o Bradesco, 33% dos clientes atendidos por esses dois agentes são de baixa renda e têm mais

de 60 anos. "As pessoas não se sentem no direito de entrar na agência e abrir uma conta. Têm medo de receber um não. Indo a uma agência dos Correios, ou a uma padaria, sentem-se mais à vontade", acredita Rebelato.

Pesquisa com microempresários também dá a dimensão do problema. Têm cartão de crédito e cheque especial apenas 14,23% do total dos entrevistados. Outros 9,83% só têm cartão de crédito e 6,32%, cheque especial. Porém, a maioria (69,6%) não tem nem um nem outro. A FGV considera microempresários aqueles com até cinco empregados.

Em Jardim Ingá, no entorno de Brasília, o Restaurante do Gato, que funciona há 12 anos, vem perdendo clientela porque não aceita cartão de crédito. A refeição custa R\$ 5,00. Mas o estabelecimento só poderá oferecer o serviço quando o dono Olivar José de Oliveiros abrir uma conta de pessoa jurídica. Ele o fará agora que o Banco do Brasil (BB) inaugurou, em dezembro, a primeira agência bancária da região, de cem mil habitantes, às portas da capital do País. "Cada vez mais gente quer pagar com cartão, principalmente no fim de semana", afirma Oliveiros.

Já Claudomiro Corrêa pegava dois ônibus para resolver problemas mais sérios na sua agência bancária, no Setor Militar em Brasília, a 50 quilômetros de casa. Ele está transferindo a conta para a nova agência do BB.

O Bradesco diz estar presente em 100% dos municípios brasileiros com a ajuda dos correspondentes e do banco postal. Já o BB afirma estar presente em 3.519 municípios com cinco mil agências bancárias, e em outros 3.892 com seus correspondentes. Os postos de atendimento avançado somam 40.848 e já incluem os 14 inaugurados nas regiões de fronteira da selva

amazônica. O BC só considera atendimento bancário postos com infraestrutura e pelo menos um funcionário e, por esta razão, afirma que há 478 municípios ainda desatendidos.

Apenas cinco estados brasileiros, segundo o Banco Central, não têm municípios desatendidos pelo sistema bancário: Rio de Janeiro, Amapá, Espírito Santo, Pernambuco e, apesar de todas as dificuldades geográficas, o Amazonas. Mas isso não significa que toda a população desses estados tenha pleno acesso aos serviços bancários. Prova disso é o número crescente dos chamados correspondentes bancários por todo o País.

Na outra ponta, o Piauí é o estado brasileiro com o maior número de municípios sem dependências bancárias. São 102, segundo dados do BC. Em seguida, vêm Paraíba (67), Tocantins (57), Rio Grande do Norte (56) e Rio Grande do Sul (51). Em todo o Brasil, ainda há 478 cidades sem atendimento bancário.

Embora a decisão de abrir novas agências pelo Brasil seja sempre dos próprios bancos, o BC tem uma política de estímulo para os municípios desassistidos. Segundo a autoridade monetária, a regulamentação em vigor estabelece que as instituições financeiras podem instalar até dez agências, observados os níveis mínimos de capitalização.

Para cada nova agência, é exigido um acréscimo de capital de 2% (nos estados do Rio e de São Paulo) e de 1% (nos demais). Mas para a instalação das agências pioneiras, as primeiras em praças sem bancos, não há a exigência de capital adicional. Segundo o BC, há cerca de 68 milhões de contas-correntes em todo o País. O número de cadernetas de poupança é maior e fechou com pouco mais de 90 milhões em junho de 2009.

CLAUDIO FACHEL/JC



Ascensão de cerca de 32 milhões de pessoas às classes A, B e C elevou a demanda por agências